

Interativos Travessias

ESTUDOS LITERÁRIOS

INQUIETAÇÕES EM CLÁUDIO MANUEL DA COSTA E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: PRESSÁGIOS DECOLONIAIS NAS POÉTICAS ÁRCADE E MODERNA?

UNQUIETNESS IN CLÁUDIO MANUEL DA COSTA AND CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: DECOLONIAL OMENS IN ARCADE AND MODERN POETICS?

Tânia de Assis Silva CAPLA¹

RESUMO: Por meio de uma leitura diacrônica, sincrônica e comparativa entre textos dos poetas mineiros, o árcade Cláudio Manuel da Costa e o modernista Carlos Drummond de Andrade, propõe-se discutir alguns aspectos relacionados aos conceitos coloniais em contraste com as ideias modernistas de ruptura. A tensão que denota estar presente nos diferentes movimentos literários parece ser um traço atemporal cuja permanência, supostamente, aproxima o diálogo com as visões pertinentes à formação do pensamento decolonial. A discussão que se baseia no referido diálogo estabelecido entre texto poético e algumas visões teóricas (de)coloniais considera fatores pertinentes ao lugar de pertencimento, a origem mineira, e os aspectos da paisagem da terra do ouro, além da figura feminina e seus conflitos apagados e/ou evidenciados nos poemas claudianos e drummondianos. A “Écloga” introdutória das *Obras Poéticas* e o “Soneto II”, das *Obras*, de Cláudio, e os poemas “A Montanha Pulverizada” e “Negra”, do *Boitempo* drummondiano, são os excertos literários que dialogam entre si e com a teoria, neste estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia árcade. Poesia moderna. Cláudio Manuel da Costa. Carlos Drummond de Andrade. Colonialismo e pensamentos decoloniais.

ABSTRACT: Through a diachronic, synchronic and comparative reading between texts by poets from Minas Gerais; the arcade, Cláudio Manuel da Costa, and the modernist, Carlos Drummond de Andrade, we propose to discuss some aspects related to colonial concepts in contrast with the modernist ideas of rupture. The tension that is denoted to be present in the different literary movements seems to be a timeless trait whose permanence, supposedly, brings closer the dialogue with the visions pertinent to the formation of decolonial thought. The discussion that is based on the aforementioned dialogue established between poetic text and some (de)colonial theoretical views considers factors pertinent to the place of belonging, the mining origin, and the aspects of the landscape of the land of gold, in addition to the female figure and its conflicts erased and/or

1. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, São Paulo, Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: tania.assis@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8439-155X>.

evidenced in the Claudian and Drummondian poems. The introductory “**Écloga**” of the Obras Poéticas and the “Soneto II”, from the Obras, by Cláudio, and the poems “A montanha pulverizada” and “Negra”, from Boitempo, are the literary excerpts that dialogue among themselves and with the theory, in this study.

KEYWORDS: Arcade poetry. Modern poetry. Cláudio Manuel da Costa. Carlos Drummond de Andrade. Colonialism and decolonial thoughts.

Palavras iniciais

“Essa transformação do tempo em si, de um tempo histórico-cronológico para o que parece ser uma forma de temporalidade anacrônica por meio da qual grupos são expostos a lógicas e conflitos que são considerados como não existentes, é parte dos legados da colonização e um alvo central da crítica dos esforços decoloniais”. (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 28).

As ideias embrionárias deste ensaio surgem a partir das reflexões suscitadas pela Prof^a Dr^a Natali Fabiana da Costa e Silva com base na leitura e discussão dos textos propostos para as aulas pertinentes à disciplina “Literatura e decolonialidade na ficção contemporânea”. Disciplina, esta, ministrada no PPG em Estudos Literários da UNESP de Araraquara.

E para desenvolver o processo de gestação da escrita deste texto, o intuito é pensar um pouco sobre alguns aspectos que envolvem a questão de colonialidade e decolonialidade à luz dos conceitos de Nelson Maldonado-Torres e das considerações de Aníbal Quijano, entre outros autores.

Feita a exposição conceitual, propõe-se o diálogo com a poética de formação colonial, de Cláudio Manuel da Costa, e com a poesia modernista de Carlos Drummond de Andrade. Tal reflexão se dá com base na observação dos aspectos referentes aos traços de permanências e rupturas amparadas sempre pelo entrelaçamento dos textos poéticos que, por sua vez, são embasados pelos teóricos que sustentam as ponderações aqui sugeridas.

A relevância da proposta para esta discussão leva em conta que o ato dialógico, cujo propósito envolve entretecer os poemas escolhidos, de épocas distintas, estende a “conversa” até alguns estudiosos da contemporaneidade. A pressuposição é que as reflexões promovem a propagação do pensamento decolonial.

Com base numa leitura diacrônica e sincrônica das poéticas claudiana e drummondiana pressuponho que este ato comparativo de ler contribui para a transformação tem-

poral abordada por Nelson Maldonado-Torres (2020), no trecho selecionado para a epígrafe deste ensaio. No entanto, acredito que essa metamorfose de “temporalidade anacrônica” deve se dar não no sentido de silenciamento de grupos marginalizados ou no apagamento de “conflitos considerados como não existentes”. Pelo contrário, tal anacronismo temporal deve caminhar no sentido de tornar obsoletas as práticas abusivas de exploração do ser, do silenciamento de vozes e da discriminação de pensamentos díspares.

Entendo que, quando situamos os poetas no tempo e no espaço, Cláudio Manuel da Costa é representativo do Brasil colônia e um dos precursores da formação da literatura colonial ao passo que Carlos Drummond de Andrade, apesar de representar o movimento que promove rupturas e inovações, ainda está distante da formação do pensamento decolonial contemporâneo. Entretanto, a leitura de ambas as poéticas sugere sentimentos de inquietude, o que nos remete ao caráter questionador característico da concepção do pensamento decolonial.

E é com o propósito de levantar questionamentos e desenvolver investigação, por meio dos textos, que este trabalho se constitui.

Ressalto que a intenção não é estabelecer nenhuma verdade acerca de algum aspecto de antecipação decolonial claudiana e drummondiana, mas apenas refletir sobre a possibilidade de aproximação das relações ligadas à temporalidade histórica para (por meio do recorte textual) propiciar uma forma de novas compreensões, além de intentar a “possibilidade de nos relatar o outro lado da temporalidade” (ALBANO, 2009, p. 201). Para isso, considero relevante iniciar o diálogo com a exposição de alguns pensamentos sobre colônia, literatura colonial e colonialidade, bem como algumas concepções decoloniais.

Colonialidade e decolonialidade: algumas ideias conceituais

Para quem (como esta estudiosa apenas do Arcadismo e Modernismo, até então) começa a trilhar os primeiros passos na caminhada dos Estudos Decoloniais, pode se deparar com vários questionamentos envolvendo os termos derivados: colonialismo e colonialidade. Quando se trata de literatura colonial, por exemplo, a primeira indagação se baseia na busca de compreensão de cada termo e suas peculiaridades; quais as distinções na concepção de ambos?

Presumo que a busca por respostas percorre um caminho que tem como ponto de partida a palavra originária, cujos primeiros conceitos (para este momento) podemos colher em Alfredo Bosi:

A **colônia** é, de início, o **objeto de uma cultura, o ‘outro’ em relação à metrópole**: em nosso caso, foi a **terra a ser ocupada**, o pau-brasil a **ser explorado**, a cana-de-acúcar a ser cultivada, o ouro a ser extraído; numa palavra, a matéria-prima a ser carreada para o mercado externo. **A colônia só deixa de o ser quando passa a sujeito da sua história**. Mas essa passagem fez-se no Brasil por um lento processo de aculturação do português e do negro à terra e às raças nativas; e fez-se com naturais crises e desequilíbrios. Acompanhar este processo na esfera de nossa consciência histórica é pontilhar o direito e o avesso do fenômeno nativista, complemento necessário de todo complexo colonial (BOSI, 1997, p. 13, aspas do autor e grifo nosso).

Ainda que a conceituação de Alfredo Bosi (1997) possa, inicialmente, sugerir uma visão generalizada (política, econômica e cultural) sobre a condição subserviente da colônia diante do colonizador, parece não haver diferença quando se trata especificamente de uma visão mais voltada para a literatura. Isso porque a reprodução do pensamento, do ser explorado pela metrópole, denota estar presente nos nossos autores, conforme esclarece Sérgio Buarque de Holanda:

A história da literatura brasileira da fase colonial tem sido tratada frequentemente como simples dependência da nossa história política. Parece natural e é até certo ponto plausível, quando a abordamos, tentar elucidar a maneira pela qual **nossos escritores se teriam libertado aos poucos das influências mais visivelmente coloniais** e portuguesas, e procurar um sincronismo entre esses processos de nossa evolução nacional. (HOLANDA, 2000, p. 409, grifo nosso).

A referida consideração indica caminho para um diálogo implícito entre as ideias de Sérgio Buarque de Holanda (2000) e as de Nelson Maldonado-Torres (2007), no artigo “*Sobre la colonialidade del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto*”. Quando este aborda o assunto, de uma perspectiva mais abrangente sobre a conceituação de colonialismo, nos remete a aspectos semelhantes referentes à visão colonial, no entanto, é fundamental considerar as distinções apontadas entre colonialidade e colonialismo:

Colonialidade não significa o mesmo que colonialismo. **Colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo reside no poder de outro povo ou nação, o que constitui a tal nação em um império**. Diferentemente desta ideia, a **colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações**, melhor se referem à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas, **se articulam entre si por meio do mercado capitalista mundial e da ideia de raça**. Desta forma, **embora o colonialismo preceda a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo** (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131, tradução nossa).

Estendendo o diálogo entre as ideias de Alfredo Bosi (1997) quando declara que “a colônia só deixa de o ser quando passa a ser sujeito de sua história”, além da condição exposta por Sérgio B. de Holanda (2000) referente aos nossos autores que “se teriam libertado aos poucos das influências mais visivelmente coloniais”, surge a indagação (com base nos esclarecimentos de Nelson Maldonado-Torres (2007) sobre colonialismo e colonialidade): ao longo deste processo de independência, conquista da liberdade do colonizado enquanto se constitui sujeito, como diferenciar essa **descolonização** da **visão decolonial** como uma forma de combate à **sobrevivência da colonialidade** após o formalização do **fim do colonialismo**?

No texto “Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas”, Nelson Maldonado-Torres começa apontar caminhos para solucionar esta problemática e esclarece que por descolonização entende-se o “processo pelo qual os povos do terceiro mundo ganharam a independência de seus governantes” (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 31).

Após a explanação e contextualização sobre o conceito de **descolonização** alinhado ao conceito de libertação atrelada ao aspecto de independência política e econômica como a expressão do desejo de emancipação do colonizado, surge o início da conceituação de **decolonialidade** referida como:

[...] um conceito que oferece **dois lembretes-chave: primeiro, manter-se a colonização e suas várias dimensões claras no horizonte de luta; segundo, serve como uma constante lembrança de que a lógica e os legados do colonialismo podem continuar existindo mesmo depois do fim da colonização formal e da conquista da independência econômica e política.** É por isso que o conceito de decolonialidade desempenha um importante papel em várias formas de trabalho intelectual, ativista e artístico atualmente (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 32, grifo nosso).

Quando trata sobre a continuidade dos legados do colonialismo, Nelson Maldonado-Torres (2007) chama a atenção para o relevante papel da visão decolonial no combate à linearidade que envolve a temporalidade do pensamento europeu. Este tende a abordar as várias esferas do conhecimento como uma somatória de dados. Diante disto, surge outra nuance da problemática, levantada pelo estudioso, juntamente com a proposta de solução, com base no pensamento decolonial considerando a colonização e a descolonização:

Os dados têm sido o modo predominante de se **referir aos potenciais objetos de conhecimento, como se eles aparecessem em um campo de temporalidade linear,** que torna extremamente difícil explorar fenômenos que refletem ou são encontrados na intersecção de temporalidades. Deste ponto de vista, **colonização e descoloni-**

zação são a soma do visível e/ou dos eventos quantificáveis que aparecem dentro de um certo período de tempo, ambas fundamentalmente pertencentes a um momento passado. A decolonialidade, como uma luta viva no meio de visões e maneiras competitivas de experienciar o tempo, o espaço e outras coordenadas básicas de subjetividade e sociabilidade humana, precisa de uma abordagem diferente (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 33, grifo nosso).

Acredito que as considerações de Nelson Maldonado-Torres (2007), especialmente no que se refere ao tempo, ao espaço e às experiências referentes à subjetividade e sociabilidade humana, dialogam com as considerações de Aníbal Quijano (2007) quando reflete sobre a abrangência da colonialidade (do ser, do saber e, sobretudo, do poder), tendo em vista o pensamento eurocêntrico e os problemas apontados sobre a abordada ótica de conhecimento:

Semelhante perspectiva de conhecimento dificilmente poderia explicar a experiência histórica. Antes de mais nada, não há um padrão conhecido de poder no qual seus componentes se relacionem entre si desta forma, especialmente durante um longo tempo. Longe disso, é sempre uma **articulação estrutural entre elementos historicamente heterogêneos, ou seja, provenientes de histórias específicas e tempos espaciais diferentes e distantes, se não descontínuos, incoerentes e até conflitantes entre si, a cada momento e a longo prazo.** A constituição e o desenvolvimento histórico da América e do mundo, do **capitalismo colonial e moderno são uma demonstração histórica eficiente disso**, talvez melhor do que qualquer outra experiência (QUIJANO, 2007, p. 98, tradução nossa).

É com base nestes fatores que envolvem a totalidade do ser (tempo, espaço, conhecimento, subjetividade, sociabilidade, experiências, etc.) que consiste a **teoria decolonial**, como um **mecanismo de reflexão crítica** sobre nosso senso comum e nos permite “identificar e explicar os modos pelos quais sujeitos colonizados experienciam a colonização, ao mesmo tempo em que fornece ferramentas conceituais para avançar a descolonização”. (MALDONADO-TORRES, 2020, p. 33).

Pensando neste aspecto de reflexão, questiono se esta não é uma condição que parece inerente à forma com que o poeta inconfidente, Cláudio Manuel da Costa, experiencia a colonização, ao mesmo tempo que seu lamento é uma recusa a tal realidade e, talvez, um dos caminhos prenunciados à descolonização.

Sentimentos (de)coloniais claudianos?

As ponderações sobre os dois “lembretes-chave” referentes à visão decolonial, abordados por Nelson Maldonado-Torres (2020) me remetem à poesia de Cláudio Manuel da Costa. Sobretudo no que se refere às “várias dimensões no horizonte de luta”, e penso no poeta árcade inconfidente como aquele que se vale da arte poética para extravasar um lirismo tenso que expõe os problemas da terra do ouro, sua origem mineira.

Muito antes, porém, da proposta dos estudos decoloniais, parece já haver uma resistência ambivalente, no poeta mineiro, que apesar de louvar a paisagem da pátria colonizadora (como “Brandas ribeiras”, no “Soneto VI”, das *Obras*), denuncia a rusticidade da terra de origem, além da exploração do rio da pátria colonizada, no canto do pastor Glauceste (persona poética claudiana), na “Écloga” introdutória das *Obras Poéticas*:

[...]
Aqui não é como no fresco Tejo,
Ou como no Mondego, onde já vimos
Um e outro Pastor cantar sem pejo.

Ao jeito dessa Serra nos cobrimos
De um bem tosco gabão, qual noutra idade
Não trouxe algum; da música fugimos;

Vivemos só da vil necessidade;
Da luta, jogo ou dança algum Vaqueiro
Bem livre está de ver que aqui se agrade.

Triste de nós neste País grosseiro!
[...]
(COSTA, 1996, p. 326).

A écloga de abertura das *Obras Poéticas* nos apresenta uma relação de contraste muito comum na poética claudiana: o sentimento de saudade da metrópole colonizadora, país de sua formação, em contraposição com o lamento diante da rudeza do berço mineiro. No entanto, reiteradas vezes o poeta registra nota dedicatória, na introdução dos poemas, expressando “alegria das Minas” diante de autoridades portuguesas recém-chegadas à colônia. Há louvação do poeta às figuras que ocupam poder político, e do eu lírico ao cenário paisagístico português, aos ares amenos (“fresco”) do Tejo e do Mondego. Entretanto, a terra natal é apresentada como sendo de “vil necessidade”, “da luta”, onde o canto dos pastores é de dilaceramento quando assim pranteiam; “Triste de nós neste País grosseiro!”.

Talvez a alegria que o poeta expressa (em nota introdutória de dedicação) ao receber o Sr. D. José Luiz de Menezes, o Conde de Valadares², seja uma destas formas encomiásticas de luta, na esperança de despertar o interesse da autoridade para trazer desenvolvimento ao invés de exploração à pátria inculta. A terra de gente grosseira e ignorante das expressões claudianas³ me remete à constatação de Aníbal Quijano (2007) sobre a desolação causada pela exploração colonizadora:

Em todas as sociedades onde a colonização implicou a destruição da estrutura social, **a população colonizada foi despojada de seus saberes intelectuais e de seus meios de expressão externalizadores ou objetivadores. Foram reduzidos à condição de gentes rústicas e iletradas** (QUIJANO, 2007, p. 123, grifo nosso).

Fica evidente, no árcade mineiro, o sentimento incompatível de nostalgia e dilaceramento, que o faz se sentir exilado na própria terra, diante da visão saudosa da metrópole e o panorama de exploração que resulta numa pátria de habitantes rústicos e incultos. Sérgio Buarque de Holanda (2000) assim nos esclarece sobre os sentimentos claudianos:

O contraste entre o espetáculo da rudeza americana e a lembrança dos cenários europeus [...], deve ter parecido singularmente vivo para o primeiro dos estudantes brasileiros que voltaram dos estudos universitários já imbuídos das tendências literárias inspiradas no ‘bom gosto nascente’. Nos poemas que, restituído à terra natal, passa a compor Cláudio Manuel da Costa, domina insistente e angustiada a nostalgia de quem – são palavras suas – se sente na própria pátria peregrino. [...] O que veio encontrar o novo advogado nos auditórios de Vila Rica foi um povoado inculto, de grosseiros habitantes, que só o poderia incitar ao isolamento, ao desengano ou à revolta (HOLANDA, 200 p. 227-228, aspas do autor).

Penso que uma das expressões do sentimento claudiano, de desencanto e inconformidade, ficou marcada pela vazão do lirismo no “Soneto II”, das *Obras*:

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,
Em meus versos teu nome celebrado,
Porque vejas uma hora despertado
O sono vil do esquecimento frio:

2. Por ocasião da sua posse de novo governador da capitania de Minas gerais, em 1768, quando o poeta lhe dedica a égloga. (HOLANDA, 2000, p. 228).

3. No “Prólogo” das *Obras* o poeta assim expressa: “[...] e destinado a buscar a Pátria, que por espaço de cinco anos havia deixado, aqui entre a **grossaria** dos seus gênios, que menos eu pudera fazer que entregar-me ao ócio, e sepultar-me na **ignorância!**” (COSTA, 1996, p. 47, grifo nosso).

Não vês nas tuas margens o sombrio,
Fresco assento de um álamo copado;
Não vês Ninfa cantar, pastar o gado,
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo, banhado as pálidas areias,
Nas porções do riquíssimo tesouro
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o Planeta louro,
Enriquecendo o influxo em tuas veias
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.
(COSTA, 1996, p. 51-52).

Ressalto que é de unânime acordo entre os estudiosos, Sérgio Buarque de Holanda (2000, p. 371), Alfredo Bosi (1997, p. 71), Antonio Candido (2009, p. 90-91) e Sérgio Alcides (2003, p. 32), a tensão ambivalente como um traço característico em Cláudio. É fato, também, a referência amena à terra da sua formação (Coimbra), ao passo que a memória da pátria (Minas Gerais) é de assolação devido aos problemas enfrentados com a exploração do ouro, conforme expressam metafórica, porém claramente, os dois últimos tercetos (do “Soneto II”). O “pátrio Rio”, do primeiro verso, referido como o Ribeirão do Carmo (em outros poemas), é a evidência paisagística da colônia explorada. O rio mineiro se torna “Turvo”, devido ao “vasto campo da ambição” da metrópole, cujas práticas abusivas de extração do “riquíssimo tesouro” aurífero despoja a colônia de seus bens. Além de ficar desprovida das riquezas naturais, a colônia se vê reduzida “a ‘grossaria das gentes’ da sua terra” (CANDIDO, 2009, p. 90, aspas do autor). Este é o motivo do lamento que caracteriza Cláudio como uma “voz - inquieta, ardente, melancólica, dual – que habita essa região extrema das Minas Gerais” (ALCIDES, 2003, p. 92).

Compondo o quadro dilacerante claudiano, aparece a figura apagada da “Ninfa” que, diante da rudeza da pátria, seu canto é silenciado. Quando se refere às musas europeias, Cláudio evoca a inspiração do canto das pastoras de tradição greco-latina, porém quando trata da própria terra, o poeta afirma, categoricamente, “Não vês Ninfa cantar”, conforme expressa o penúltimo verso da segunda estrofe, do “Soneto II”.

A visão claudiana aborda a mulher por um prisma mais subjetivo, num plano utópico, mítico: o da musa pastoril. Dentre as Daliana, Lise, Francelisa, Brites e Elisa, Nise é a pastora que se sobressai nas *Obras*, já que do total de cem sonetos, dezesseis poemas re-

gistram o nome da musa, sendo que doze são escritos em português e quatro em italiano (SILVA, 2021, p. 193). A Nise de Cláudio não tem rosto, é de uma beleza imaginária em que o eu lírico parece admirá-la apenas num plano de contemplação platônica.

Ao que os críticos nos dão a entender, o mistério não se restringe apenas à persona poética, pois no aspecto biográfico também ficaria nebulosa a questão da figura amorosa feminina presente na vida do poeta. Laura de Mello e Souza (2011), dentre poucos estudiosos, traz à tona o possível relacionamento de Cláudio com uma mulher negra, Francisca Arcângela, com quem teria convivido vários anos e tido cinco filhos. Porém estas não são tidas como informações oficiais dado o fato que, sendo considerado administrador e herdeiro dos bens que a família sustentou com trabalho escravo, além do receio de perder prestígio social, o poeta não teria tido coragem para assumir publicamente a mulher e os filhos:

Para todos os efeitos, Cláudio Manuel da Costa vivia só. A ligação com Francisca Arcângela era sabida mas não publicada ostensivamente: ela e os filhos dos dois – e foram cinco, nascidos entre 1759 e 1773 – moravam na casa da rua do Gibu ou na fazenda do Fundão, mas não como habitantes delas. [...] Cláudio se afeiçãoou a uma negra pobre e não teve a energia nem coragem do desembargador João Fernandes de Oliveira, filho de seu padrinho, que milionário e poderoso, assumiu publicamente tanto Chica da Silva quanto a filharada que nasceu da união (SOUZA, 2011, p. 141).

O aspecto de contraste claudiano denota ir além da incompatibilidade que envolve o sentimento dual entre louvação à paisagem da metrópole europeia e lamento à rusticidade da colônia mineira. Em Cláudio parece que a arte imita a vida; para o eu lírico a musa não possui traços reais, já para o poeta a mulher real é silenciada, tendo a imagem apagada e mantida à margem do (re)conhecimento social. A ambivalência, por sua vez, denota que enquanto a persona poética, Glaucestes, dá voz ao eu lírico para evidenciar os conflitos oriundos da extração aurífera, o poeta silencia a voz da musa, ao passo que o homem público também mantém a imagem da mulher negra na obscuridade. Fato este que sugere discriminação decorrente da exploração racial, porém é assunto velado na poética de Cláudio.

Dando um salto na linha do tempo e na perspectiva dos movimentos literários distintos, intento estabelecer paralelismo com outro poeta mineiro, Carlos Drummond de Andrade. O intuito é observar aspectos de ressonâncias e distinções nas poéticas do árcade natural de Mariana (e residente em Vila Rica) e do modernista de Itabira.

Continuidade ou ruptura drummondiana?

Para estabelecer uma proposta de correlação entre o árcade, Cláudio Manuel da Costa, que representa um constante movimento de revisitação à poesia clássica renascentista e greco-latina (CANDIDO, 2009, p. 93), e o modernista, Drummond, como representativo do movimento de ruptura com a tradição (BOSI, 1997, p. 375), intenciono iniciar a leitura comparativa com o poema “A Montanha Pulverizada”, de *Boitempo*:

Chego à sacada e vejo a minha serra,
a serra de meu pai e meu avô,
de todos os Andrades que passaram
e passarão, a serra que não passa.

Era coisa dos índios e a tomamos
para enfeitar e presidir a vida
neste vale soturno onde a riqueza
maior é sua vista e contemplá-la.

De longe nos revela o perfil grave.
A cada volta de caminho aponta
uma forma de ser, em ferro, eterna.
e sopra eternidade na fluência.

Esta manhã acordo e
não a encontro.
Britada em bilhões de lascas
deslizando em correia transportadora
entupindo 150 vagões
no trem-monstro de 5 locomotivas
- o trem maior do mundo, tomem nota -
foge minha serra, vai
deixando no meu corpo e na paisagem
mísero pó de ferro, e este não passa.
(DRUMMOND, 2002, p. 1053).

No que se refere à forma, enquanto o eu lírico drummondiano reflete sobre sua ancestralidade mineira, nas primeiras estrofes, os versos nos remem à estética clássica dos sonetos claudianos. Contudo, o poema encerra com a diluição dos versos e com o rompimento da linguagem, que já apresenta marcas de aproximação com a forma coloquial, dada a expressão “tomem nota”, e o uso de algarismos ao invés de numerais escritos por extenso, conforme demanda a linguagem que obedece ao rigor tradicional.

Em relação às figuras imagéticas, além do rio, outro elemento constitutivo da paisagem mineira é a visão montanhosa e sobre a qual, além de Drummond, figura em muitos poemas de Cláudio. No entanto, no “Soneto II” claudiano é o rio que evidencia a tensão representativa da exploração colonial e a ambição do colonizador. Já no poema drummondiano a montanha parece aludir a uma sequência de problemas oriundos da exploração que perpassa a era colonial e chega até o período industrial, porém numa perspectiva complexa de temporalidade que envolve o imaginário, o simbólico e o real. Considerando estes aspectos, coadunam vários tempos na montanha itabirana, de acordo com as conjecturas de José Miguel Wisnik:

O tempo paralisado de uma Itabira ancestral, arcaica e decadente, que não anda; o tempo ressonante da memória afetiva, que permanece indestrutível no sujeito como duração contínua e como ideia fixa, que não cessa; e o tempo celerado da mercadoria, que come por dentro, como que despercebido, mas que se revela instantâneo e devastador, *après-coup*. Um parece parado num marasmo sem fim, o outro povoa o primeiro de experiências e sensações poéticas que não param, o terceiro lhes dá um choque abissal (WISNIK, 2018, p. 43).

Como que simbólicas, destas várias temporalidades, as figuras claudianas (rio) e drummondianas (montanha), representativas da mineração brasileira, se distinguem, porém se complementam com semelhante desejo de enriquecimento que não é da terra. Esta, embora seja considerada independente econômica e politicamente (falando da época de Drummond), continua empobrecendo com ações de extrações diversas (de ouro, na era colonial, e de ferro, com o avanço industrial). A imagem de diluição da montanha (que se reduz a “miseró pó de ferro”) parece figurar até na forma da última estrofe, que demonstra romper com a estética dos versos em quadra anteriores, e se dissolve numa aparente prosa poética.

É com base na tentativa de aproximação do árcadé e do poeta representativo dos desdobramentos do movimento modernista, cujo ideal se pauta na “liberdade” dos moldes da tradição – embora aparentemente revisita e reproduz, em alguns momentos, (mesmo que na forma diluída/transfigurada) valores que remetem ao passado colonial - que levanto a seguinte questão hipotética:

É possível ler no poeta modernista uma liberdade (ruptura) idealizada, com base no conceito de decolonialidade referente aos “legados do colonialismo” existentes mesmo após o fim da colonização formal, conforme o segundo “lembrete-chave” pertinente ao conceito de Maldonado-Torres (2020)? Ou em Drummond há uma ressonância claudiana de

ambivalência no sentido de trazer as marcas da ancestralidade patriarcal colonizadora ao mesmo tempo em que reflete sobre os conflitos provinciais?

Imagino que na bifurcação da estrada (in)sinuosa de respostas, é relevante observar a montanha drummondiana como algo que sugere um entrelaçamento de vivência, memória e obra, cujos aspectos amalgamados acompanham a “curva de um arco histórico” que envolve a ancestralidade itabirana do poeta, conforme nos elucidada José Miguel Wisnik:

De perto ou de longe, dentro de Itabira ou com Itabira dentro dele, o poeta viveu o ‘destino mineral’ que reconheceu ali (‘um destino mineral, de uma geometria dura e inelutável, te prendia, Itabira, ao dorso fatigado da montanha’). Esse real duro e inelutável, comparece espasmodicamente na sua poesia, desde às alusões às bordas primordiais do pico do Cauê até a vala comum d’‘A montanha pulverizada’, que emerge como um claro pesadelo na lavra tardia de *Boitempo*, ‘britada em bilhões de lascas’[...] trata-se do encavalamento surdo de uma mitologia pessoal, apegada ao enigma familiar provinciano e amplificada pelo poder simbólico da obra deste que veio a ser o maior poeta brasileiro do século, com a história da mineração no Brasil e seu arpejo de implicações locais, nacionais e mundiais (WISNICK, 2018, p. 38-39, aspas do autor).

Essa tensão na poética drummondiana (quando trata do problema da mineração) sugere um caráter crítico e uma inquietação ainda mais acentuada do que no lirismo claudiano, uma vez que os conflitos denotam maior evidência no seu “denso lirismo meditativo” abordado por Davi Arrigucci Jr. (2002), ao qualificar a poesia lírica de Drummond, enquanto também contextualiza o poeta itabirano:

O poeta que surgiu em 1930 e acabou se tornando a figura emblemática da poesia moderna no Brasil construiu uma grande obra em que **tudo acontece por conflito**. Desde muito cedo, Carlos Drummond de Andrade experimentou dificuldades e contradições para forjar o denso lirismo meditativo que o caracteriza. **A meditação parece fruto dos seus tempos de madureza, mas vem antes, da origem mineira**. Já no princípio o **poeta coaduna a discórdia com a reflexão** (ARRIGUCCI JR, 2002, p. 15, grifo nosso).

Contudo, apesar do “denso lirismo meditativo” e de coadunar a “discórdia com a reflexão”, quando a memória nostálgica aponta o problema da exploração da terra desde a era colonial (“Era coisa dos índios e a tomamos”), parece que, em dado momento, Drummond ainda reproduz o pensamento colonial, uma vez que, ironicamente, o eu lírico se posiciona (com a designação verbal “tomamos”) no lugar do europeu colonizador que invade e se apropria de nossas terras.

O sentimento dual que sugere a forma de Drummond “expor as suas contradições de maneira reflexiva e conflituada” (WISNIK, 2018, p. 42) evoca as ponderações de Nelson Maldonado-Torres sobre a permanência da colonialidade, apesar do papel da reflexão como mecanismo de resistência; “De certa forma, respiramos diariamente o colonialismo na modernidade.” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131, tradução nossa).

Essa insistente permanência do colonialismo na modernidade também me faz pensar na figura feminina que, apesar de não fazer menção em “A montanha pulverizada”, ainda em *Boitempo*, Drummond traz o poema “Negra”:

A negra para tudo
a negra para todos
a negra para carpinar plantar
regar
colher carregar empilhar no paiol
ensacar
lavar passar remendar costurar cozinhar
rachar lenha
limpar a bunda dos nhozinhos
tregar.

A negra para tudo
nada que não seja tudo tudo tudo
até o minuto de
(único trabalho para seu proveito exclusivo)
morrer.
(DRUMMOND, 2002, p. 1053).

O poema sugere a ruptura, libertação da tradição, no que se refere à forma e à linguagem, porém denota não romper com o pensamento colonial, pois a leitura evoca uma forma de escrita memorialista do regime escravocrata, apesar de o poeta ter nascido após a formalização deste período de violência racial escancarada. No entanto, este parece ser outro poema que remete àquele aspecto de temporalidade que não passa, pois denota perpetuar a situação servil de gênero e de raça; da mulher e da negra (para “tudo tudo tudo”) como um ser sem voz, sem qualificativos femininos, sem expressões, desejos e sentimentos, apenas objeto de trabalho incansável, ininterrupto e de inquestionável subserviência.

Quando o poeta expõe a exploração do ser, do corpo da mulher como mero instrumento de trabalho e objeto sexual, “proporciona ao leitor um ganho na representação de determinado período histórico e o retrato da condição humana” (ALBANO, 2009, p. 204).

Entretanto, este “retrato da condição humana” também representa a perda da dignidade, do direito de se constituir como sujeito, o que considero como retrocesso, também chamado de “obstáculo” por Silviano Santiago, na palavras de “Introdução à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade”, na *Poesia Completa*:

[...] os obstáculos que surgem entre o poeta e o seu possível leitor, impedindo o companheirismo, escapam ao que podemos chamar de a condição humana, já que são construções do colonialismo ocidental (o massacre indígena ou o escravismo negro) [...]. (ANDRADE, 2002, p. x).

Parece ser justamente estes aspectos característicos de construção do colonialismo (a apropriação da terra indígena e o regime escravocrata) que, em oposição à ideia de ruptura, Drummond replica nos poemas “A montanha pulverizada” e “Negra”.

Palavras finais

Passados quase dois séculos desde que Cláudio se engaja em funções acadêmico-políticas⁴ e torna-se o poeta inconfidente, motivado pelo inconformismo diante da rusticidade da pátria colonizada, percebemos em outro mineiro, Drummond, algumas semelhanças tanto no sentimento de indignação mesclado com a reprodução do pensamento colonial (tendo a origem mineira como pano de fundo) quanto no engajamento de funções públicas⁵.

Cláudio expõe os problemas de uma forma mais velada, metafórica. E o que compreendo como uma forma de sua luta se dá por meio do binômio pranto/encômio como mecanismo de resistência na busca de soluções para amenizar o problema da rusticidade do Brasil colônia.

Drummond, apesar de fazer uso da metáfora, rompe com o sigilo da exposição e usa da ironia para evidenciar, paradoxalmente, os problemas da República, que (ao que parece, nos poemas selecionados de *Boitempo*) continua propagando o pensamento colonial de exploração do ser.

No entanto, em ambos os poetas parece haver um caráter dual porque se, por um lado, fazem uso da voz lírica para expor os conflitos (de exploração da terra) que o pensa-

4. 1759 – acadêmico supranumerário, entre os Renascidos da Bahia. 1761 a 1765 – secretário do governo de Minas. (HOLANDA, 2000, p. 234).

5. 1935 – membro da Comissão de Eficiência do Ministério da Educação. 1945 – passa a trabalhar na diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, onde mais tarde se tornará chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento. (ANDRADE, 2002, p. LXXVII).

mento colonizador, ainda proeminente, insiste em considerá-lo como “não existentes”, de outro modo silenciam (no caso da figura feminina, em Cláudio) ou sugerem reproduzir o pensamento colonial segregatório de gênero e de raça, no que se refere à figura da mulher negra, por exemplo, como é o caso da poética drummondiana.

Em Cláudio, as vivências denotam construir e perpetuar memórias. Em Drummond, as memórias, ao que me parece, ressurgem e norteiam suas experiências históricas e poéticas.

Referências

ALBANO, A. H. de O. O simulacro da escrita de memória: Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Pedro Nava. *Itinerários: Revista de Literatura*, n. 28, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/107940>. Acesso em: 16 de junho de 2002.

ALCIDES, S. *Estes Penhascos: Cláudio Manuel da Costa e a Paisagem das Minas 1753-1773*. São Paulo: Hucitec, 2003.

ANDRADE, C. D. de. Boitempo. In: *Poesia completa*. Fixação de textos e notas de Gilberto Mendonça Teles. Introdução de Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Aguilar, 2002. p. 879-1183.

ARRIGUCCI JR, D. *Coração partido: uma análise da poesia reflexiva de Drummond*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 35ª ed., revista e aumentada. São Paulo: Cultrix, 1997.

CANDIDO. A. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos 1750 - 1880*. 12ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: FAPESP/Ouro sobre azul, 2009.

COSTA, C. M. Poesia completa. In: Proença Filho, D. (Org.). *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 3-530.

HOLANDA, S. B. *Capítulos de literatura colonial*. Organização e introdução de Antonio Candido. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFUGUEL, R.(org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 27-53. Coleção Cultura Negra e Identidades.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GOMÉZ, S.; GROSFUGUEL, R. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana: Instituto Pensar, 2007. p. 127-168. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libreria/147.pdf>. Acesso em: 22 de junho de 2022.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social In: CASTRO-GOMÉZ, S.; GROSFUGUEL, R. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana: Instituto Pensar, 2007. p. 93-126. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libreria/147.pdf>. Acesso em: 22 de junho de 2022.

SILVA, T. de A. *Ecos do bucolismo camoniano em Cláudio Manuel da Costa*. 2021. 238 f. – Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/214754>. Acesso em: 20 de junho de 2022.

SOUZA, L. M. *Cláudio Manuel da Costa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WISNIK, J. M. *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.